

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

Aveiro: 100 números, 2\$000; 50, 1\$000; 25, 500 réis.—Fôra de Aveiro: 100 números, 2\$250; 50, 1\$125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 números (moeda forte), 4\$500.—Pagamento adiantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia
Espírito Santo, 71

Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Communicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes teem o desconto de 50 p. c.

A VEIRO

DEPOIS DA VICTORIA

O Povo de Aveiro contribuiu muitissimo para a queda de Manuel Firmino, que no domingo se completou. A campanha das irmãs da caridade deixou consequências, que tarde ou cedo haviam de concluir pelo facto que no domingo se realisou.

Fiel á sua propaganda, o Povo de Aveiro não podia defender o homem que mais energicamente atacou na sua vida. Não podia, mesmo, abster-se na lucta em que d'um lado estava esse homem, que apontámos como o mais nefasto e o mais immoral de todos, estivesse do outro lado quem estivesse. Seria mostrar aos olhos do publico que não havia sinceridade do nosso lado. E nós poderemos commetter erros, mas nunca dizemos aquillo que não sentimos.

Não, não podiamos cruzar os braços. Cruzassem-nos embora os garotos que dizendo-se republicanos, que tendo applaudido calorosamente as censuras sangrentas que fizemos a Manuel Firmino, entendiam agora que não seria um perigo, nem uma deshonra deixal-o subir ao mais alto cargo do municipio. Cruzassem-nos, elles, embora. São como toda a villania republicana do paiz. Nada temos, nem queremos ter de commun com elles. Nunca deixaremos de affirmar que os nossos principios e processos não se confundem com os processos d'essa gente. Hoje menos do que nunca.

Cruzassem os outros os braços. Nós haviamos de honrar, como sempre, a nossa propaganda jornalística. Não sabemos mentir a quem nos lê. E por isso aconselhámos os eleitores a que cumprissem um dever de honra acabando de inutilisar o homem que era um velho attentado aos seus creditos e aos seus interesses, embora os seus adversarios de lista não fossem bons. Do mal, o menos.

Assim fizeram os eleitores. Não nos arrependemos, nem arrependemos da pequena parte que demos agora para ahi.

Obedecemos, como de costume, aos dictames da nossa consciencia. Não temos accordos, nem relações de qualidade alguma com os victoriosos. Nada nos pediram,

nada nos devem. Nada lhes devemos a elles. Nada fizemos por elles.

N'estas condições, não ha que alterar conductas. Se a nossa influencia jornalística vale alguma coisa, façam por bem merecer, que não lhes regatearemos applausos. Se mal merecerem, também não lhes pouparemos censuras. Não somos opposição para escalar o poder. Por consequencia, não somos opposição systematica. Somol-o, republicueiros á parte, pelo bem do nosso paiz em geral, e, por consequencia, da nossa terra em particular. Tudo que concorrer para este fim, merece-nos applausos. E, creiam, gostámos mais de applaudir do que censurar.

Somos tão insuspeito que, não gostando pessoalmente dos eleitos, nem, confessámo-lo, confiando n'elles, não hesitámos em aguardar serenamente os seus actos, com a promessa publica, que já tomámos, de que os applaudiremos se seguirem o caminho recto que desejámos.

Estimaremos muito isto. Esperemos sem reservas.

Carta de Lisboa

8 de Novembro.

Os jornaes bramam cada vez com mais furia contra a reforma da Escola do Exercito. Ora eu não me admiro de nenhum. Ainda não appareceu coisa boa n'este paiz que merecesse applausos da imprensa, onde domina a especulação, como em muitas outras instituições da immoralissima sociedade portugueza. Não me admiro de nenhum. Mas, fiel á missão que tomei a peito, não posso deixar de me indignar pelo que toca aos jornaes republicanos. Bastou que a maioria da imprensa monarchica atacasse o decreto para que elles todos se lançassem na corrente. Sempre os mesmos imbecis, sem consciencia, sem estudo, sem criterio, sem nenhum senso das coisas e da propria dignidade.

Os jornaes monarchicos defendem interesses feridos. Os que mais se revoltam contra a medida do sr. ministro da guerra são redigidos por lentes da Escola, que levaram uma tosqia, com o decreto, de bota abaixo, tosqia que eu applaudo com as mãos ambas e commigo todos os homens de honestidade e de justiça. Compreende-se, pois, a furia d'esses periodicos. Mas a dos

republicanos, que se dizem os zeladores da moral, da economia, de tudo quanto ha de bom, e que não teem, nas pessoas dos seus redactores, interesses ligados á reforma, só se comprehende—ou por requinta de torpeza, ou por excesso d'imbecillidade.

Agora quero crer que é ignorancia, que é pedantismo ultra. Mas, seja o que fór, nem por isso deixam de descer cada vez mais no conceito publico estes reformadores de borra. Se não sabem, caleem-se.

Triste sorte! Ora especuladores, ora tolos chapados. E d'aqui não sahem os luminares do futuro! Mas vamos ao caso.

Um dos pontos mais contestados da reforma é a diminuição de vencimento aos alumnos da Escola. Reparem os leitores:—olhem que é um dos pontos que os jornaes republicanos mais atacam!

D'antes, os alumnos da Escola venciám segundo o posto que tinham no exercito ao entrarem para aquelle estabelecimento de instrucção. Se eram soldados, venciám como soldados. Se eram cabos, venciám como cabos. Se eram sargentos, venciám como sargentos. Largos annos permaneceu este estado de coisas. Ultimamente, porém, um santo ministro, cujo nome me abstenho de citar, fixou em 300 réis o vencimento unico e geral dos alumnos. Eu fui dos que se revoltaram sempre contra essa monstruosidade. Que motivo havia para estabelecer uma desigualdade odiosa entre os alumnos da Escola do Exercito e os das outras escolas? Como era que a nação sustentava os alumnos da Escola do Exercito, enquanto os alumnos da Escola Polytechnica, da Universidade, da Escola Medica, etc. se sustentavam á sua custa? Pois ha um papel, dizendo-se republicano, capaz de se pronunciar por uma equaldade e uma economia d'essa ordem? Ha. O actual sr. ministro da guerra acabou com essa pouca vergonha. E os jornaes republicanos, os equalitarios, os moralistas, os economicos, promettem quebrar os dentes ao ministro! Só correl-os com uma tranca.

Ainda se houvesse falta de officiaes no exercito! Mas ha tantos, tantos, que eu teimo bem de Portugal ir um dia ao fundo com o peso d'elles. A não ser que elles subam ao ar como Jesus Christo. Mas, n'este caso, outro perigo nos ameaça: é o de ficarmos sem a luz do sol!

Repito, comprehendo a attitudede dos jornaes monarchicos mais furiosos contra a reforma, que são aquelles onde escrevem os lentes da Escola, em cujas conecias o sr. ministro, abençoado ministro! deu uma tosqia que é da gente lhe ir atirar foguetes á porta. Sim, os decantados prejuizos feitos aos rapazes, os prolestos pelas garantias dos alumnos, são pretextos que se percebem muito bem. O que lhes dóe são as bellas conecias que se vão por agna abaixo. Não fóra isso e bem importavam os rapazes, como importaram em 1884! Nós é que os conhecemos e é que os percebemos.

Mas, como ia dizendo, percebo a furia dos jornaes monarchicos. Mas a dos republicanos!... Formidaveis vendilhões.

Outra coisa contra que protestam as folhas da republica, pelo menos uma d'ellas, em que eu o li, é contra a circumstancia dos alumnos d'artilheria e de engenharia serem obrigados a fazer serviço nos corpos como aspirantes. Não ha que vêr. Só com uma tranca é que estes equalitarios se levavam. Porque motivo é que será feio na engenharia e na artilheria o que é bonito na infantaria e na cavallaria? O sr. equalitario não faz a esmola de nos explicar isso? Os aspirantes de infantaria e cavallaria ha muito tempo que fazem serviço nos corpos sem protesto de ninguém. O sr. equalitario não faz favor de nos dizer se é em nome da equaldade que quer uma coisa para os aspirantes das armas especiaes e outra para os aspirantes das armas geraes?

Tambem protestam os jornaes republicanos contra a instabilidade a que o sr. ministro da guerra obrigou os lentes da Escola. Dizem elles que os lentes da Escola com patentes elevadas estão incapazes de commandar; que o sr. ministro vai fazer d'esses homens maus officiaes quando elles podiam ser bons professores.

Tambem não é má. Ora essa! Se a Escola do Exercito serve para estragar officiaes, deixal-a estragar. Não se toque n'aquella arca de tradições e bons costumes. Se os senhores amanhã queirem a republica para conservar todos os interesses illicitos e todos os males da monarchia, para que pretendem que o publico se incomode com os senhores? Então deixem estar o que está, que está muito bem. Parece-nos que o sr. ministro da guerra não merecia censuras, merecia ap-

plausos, por acabar com uma organização que, dizendo-se militar, estragava officiaes, em lugar de educar officiaes. Não sabem commandar? Pois ahi é que está o mal. Os officiaes fizeram-se para commandar. Admitte-se que ensinam meninos sem prejuizo das exigencias de commando. Mas não se admite, nem se comprehende, que um official venha dizer, seja porque motivo fór, que não pôde ir para um regimento porque não sabe commandar soldados. Se o não sabe, não tem direito a ser official. Perden a sua missão. Sahu do seu papel. Exauctorou-se. Não pôde haver considerações com elle.

Ahi, ahi, n'esse argumento imbecilmente apresentado pelos impugnadores da reforma, está o melhor merito d'esta e o melhor titulo de benemerencia do sr. ministro da guerra. Bastaria isso para que a reforma fosse boa.

Egualmente se revoltam os equalitarios e os pudicos contra a diminuição das gratificações aos professores. E' espantoso! Aqui, tambem eu censuro o sr. ministro da guerra. S. ex.^a fez mal em diminuir as gratificações. Por isso que s. ex.^a não podia, nem devia, dar mais aos professores do que aquillo que recebem os officiaes nos regimentos. Isso tambem eu me indigno. O serviço militar por excellencia é o serviço dos regimentos. Assentem n'isto por uma vez se querem ter exercito. Não considerem, nem paguem nenhum outro serviço mais que o serviço dos regimentos. E fiquem certos de que não faltará quem prefira dormir todas as noites na sua cama ás contingencias da fileira. Fiquem certos d'isso.

Emfim, vocifera-se ainda porque os alumnos entraram para a Escola fiados n'uma lei e agora soffrem as consequencias d'outra. N'isso teem razão. Mas não é motivo para condemnar a reforma em globo. E', até, uma pequena coisa, facilissima de modificar sem attentado nenhum aos principios fundamentaes da reforma. N'isso teem razão. Mas nem por isso deixam de ser os mesmos patifes e eu vou dizer porquê. A reorganização de 1884 acabou com os alferes graduados. Pelo mesmo fundamento que se invocá n'este instante, essa lei não devia alcançar os alumnos que, á data d'ella, frequentavam os cursos d'infanteria e cavallaria na Escola do Exercito. Pois alcançou-os. Pois ninguém protestou contra isso.

a coberta, para eu me chegar a si, para me aquecer e para ficar boa.

—Cara madre, mas isso é prohibido. O que diriam se se soubesse? Já vi pôr em penitencia religiosas por coisas muito menos graves. Aconteceu, no convento de Santa Maria, a uma freira por ir de noite á cella de uma outra, que era muito sua amiga, e não lhe posso dizer todo o mal que se pensou d'ella. O director já me tem perguntado algumas vezes se ainda algum não me falou em vir dormir ao meu lado e recommendou-me seriamente que não o consentisse. Falalhe mesmo nas caricias que a senhora me faz; eu acho-as muito innocentes, mas elle não pensa o mesmo; não sei como esqueci os seus conselhos; pensei logo em falar n'isso á senhora. (CONTINUA.)

65 FOLHETIM

DIDEROT

A Freira

—Não posso dormir, pouco tempo estou socegada. Tenho sonhos incommodos que me atormentam; apenas fecho os olhos, retratam-se-me na imaginação todos os seus soffrimentos; vejo-a no meio d'aquellas inhumanas com os cabellos espalhados, os pés ensanguentados, a tocha em punho, a corda ao pescoço; julgo que vão dispôr da sua vida; arripio-me, tremo; espalhasse-me por todo o corpo um suor

frio; quero soccorrel-a; grito, acorrido; e inutilmente tento dormir. Eis o que me aconteceu esta noite; temi que o céo me annunciasse qualquer desgraça que estivesse para acontecer á minha amiga; levantei-me, approximei-me da sua porta, puz-me á escuta; pareceu-me que não dormia; a menina falou, retirei-me; tornei a vir, senti-a de novo falar, tornei-me a afastar; vim terceira vez; e quando me pareceu que dormia, entrei. Já estou ha bocado ao seu lado e estava com medo de a acordar; considereise devia puxar pelas cortinas; queria-me ir embora, temendo perturbar o seu sono; mas não pude resistir ao desejo de vêr se a minha querida Suzanna estava com saude; olhei para a menina. Como é bella, mesmo a dormir!

—Minha querida madre, como sois boa!

—Apanhei frio, mas não tenho nada de que me queixar da minha filha, e parece-me que vou dormir. Dê-me a sua mão.

Dei-lh'a.

—Como o pulso está socegado! como está equal! nada o altera.

—Tenho o sono um pouco pesado.

—Como é feliz!

—Cara madre, a senhora continúa a esfriar.

—Tem razão; adeus, minha amiga, adeus, vou-me embora.

—Não obstante continuava a olhar para mim; duas lagrimas corriam-lhe pelo rosto.

—Querida madre, lhe disse eu, o que tem? está a chorar; estou

aborrecida por lhe ter contado os meus desgostos!...

No mesmo instante fecho a porta, apaguei a vella e precipitou-se sobre mim. Tinha-me abraçada; estava deitada em cima da coberta ao meu lado; o seu rosto estava collado ao meu, as lagrimas que vertia molhavam-me as faces; ella suspirava e dizia-me com uma voz queixosa e tremida:

—Querida amiga, tenha piedade de mim!

—Querida madre, lhe respondi, o que tem? Sente-se mal? O que quer que eu faça?

—Tremo; um frio mortal cahiu sobre mim.

—Quer que me levante e que lhe ceda a minha cama?

—Não, não é necessario que se levante; afaste sómente um pouco

Pois de balde os pobres alumnos bateram ás portas das redacções a pedir que pugnassem contra a injustiça que lhes faziam. Agora, então, como convém combater a reforma que fere interesses illicitos e conexas de primeira ordem, agora que tudo serve para deitar abaixo a tesoura que os tosqiou, faz-se um berreiro infernal com a injustiça de que vão soffrer os alumnos d'engenharia e d'artilleria.

Mas porque não disseram o mesmo dos alumnos d'infanteria e de cavallaria? Porque os não ouviram? Porque os não attendiram? Porque chegaram, até, a bater lhes com a porta na cara?

E' uma sucia de patifes. E com isto está dicto tudo. Mais patifes ainda os republicanos que os monarchicos. E ainda ás vezes os parvos nos perguntam porque, sendo nós republicano, atacamos tanto os da republica! Por isso, olhem. Porque não queremos os nossos principios deshonrados. Porque os monarchicos estão no seu campo. E os outros, pré-gando moralidade, economia, justiça, fraternidade, egualdade, ainda são peores do que elles. E' por isso!

De resto, faça o sr. ministro da guerra o que quizer. Na certeza de que mais conflictos terá transigindo com os especuladores do que mantendo os bons principios. N'outro dia um jornal dizia que a obra do sr. ministro era censurada em todos os circulos militares. E' falso. Não sabemos o que pensam os circulos, nem elles valem nada para o caso. O que sabemos é que em todos os quartéis, principalmente d'infanteria e cavallaria, o decreto é applaudido e louvado. Isso é que nós sabemos.

E iamos para terminar quando nos lembrou ainda o seguinte: —quem tem razão de queixa é quem está calada:—a infanteria e a cavallaria por isso que indirectamente são as armas mais desconsideradas. O sr. ministro augmentou sensivelmente o curso das armas geraes e não lhes dá as garantias correspondentes a esse augmento.

Ora faça outra coisa. Unifique os preparatorios da artilheria, cavallaria e infanteria. Dê-lhes, depois, na Escola do Exercito as cadeiras d'applicação correspondentes á especialidade de cada uma. Acabe com os officiaes praticos. Igualise os soldos das tres armas e verá como levanta o nivel do exercito.

Então é que o sr. ministro completaria a sua obra.

E ficaremos hoje por aqui.

O nosso amigo sr. Thomaz da Terra, farto de levar pontapés do sr. Magalhães Lima, ainda sahe em sua defeza, no *Boletim Colonial*, contra o famoso heliodoro.

Sempre é uma triste coisa um homem parecer-se com um cão!

Mas vamos ao que importa. No seu artigo diz por incidencia o sr. Thomaz da Terra:

“Por ocasião da revolução do Porto, escreveu (o heliodoro) uma carta a Santos Cardoso, impellido este a denunciar o nosso velho camarada e amigo Francisco Christo. A carta mostrou-a elle a Magalhães Lima, e este aconselhou-o a que tal não fizesse, porque era uma indignidade.”

Nós já sabiamos que o sr. Magalhães Lima tivera directo conhecimento da carta. Mas sempre é bom que publicamente appareça um testemunho tão insuspeito como o de nosso amigo Thomaz da Terra.

APONTAMENTOS

(Para a historia do republicanismo em Portugal)

VIII

Foi no dia 8 d'outubro de 1878 que se realisou no theatro da rua dos Condes, em Lisboa, o comi-

cio relativo á candidatura do sr. Manuel de Arriaga.

Eramos bem novo. Mas já estava arraigado o nosso entusiasmo pelos principios republicanos, apesar de vivermos intuitamente com monarchicos e de termos assistido ao espectáculo desolador do sr. Magalhães Lima pedir candidaturas ao sr. Dias Ferreira.

Lembra-se, sr. Magalhães Lima? O sr. Julio Ferreira Pinto Basto já morava então no Largo do Carmo. Mas havia morado antes na rua do Ferregial de Baixo, n.º 34, numero historico para o caso, n'um prédio que tambem tinha entrada pelo pateo do hotel Braganza, o hotel das sumidades, onde Magalhães Lima ia ás vezes fazer a sua patuscada de romance, descendo depois ao prédio em questão, á sobremesa, tratar dos seus negocios monarchicos. Aqui é que o dicto fica bem applicado: matava d'uma cajadada dois coelhos. E digam que não é um finório, aquelle mancoço a quem todos chamam cabeça de alhos e bogalhos!

Não fóra elle bacharel. A esta casta quando lhe faltam letras, nunca lhe faltam tretas.

Eramos, pois, bem novo. Mas já não perdiamos rennião, conferencia ou comicio sobre coisas de republica. Estamos quasi em crêr que Deus nos predestinou a sermos o supplicio dos republicos. De contrario, não se explica como de tão verdes annos adquirimos elementos para flagellar os *magalhães* e como é tão santa esta memoria que de prompto nos reproduz imagens de velhos personagens e de velhos acontecimentos.

Era no dia 8 d'outubro. Passamos a scena deante dos olhos. Parece-nos que a estamos a presenciar n'este momento.

O theatro, que já morreu tambem para o mundo, pedaço de granito derruido pelo camartello do progresso, que se o consultarem nos entulhos da Avenida ainda acorda echos de glorias e amores, como diria o Gomes se escrevesse do assumpto na gazeta, o theatro estava cheio. Musa do Gomes, lyra harmoniosa do *Dia*, oceano d'estylo, dá-nos uma gota de poesia, inspira-nos, allumia-nos com o teu genio de trovador da republica, que o momento é grave.

A presença de Ramalho Ortigão e de Manuel de Arriaga provocou uma torrente de palmas. Quando falarmos assim, já se sabe que o estylo é do Gomes. Plagiario, nunca o seremos, nunca o fomos.

Theophilo Braga, que estava n'uma frisa á cata d'intrigas, tambem deu palmas, para não se descobrir. N'esse momento, largou a navalhinha, que segurava no bolso das calças. Mais tarde, a proposito do banquete do bairro Canões e da proposta do Jacintho para o accordo com os barjonaceos, enterrou-a até ao cabo no coração do seu velho amigo.

Ah! meu Theophilo, desculpa a immodestia, mas olha que nós ás vezes tambem sabemos escrever historia!

Presidia ao comicio Ramalho Ortigão, o critico de próas e lóas. Leu um discurso, no qual punha em relevo as vantagens da republica sobre a monarchia. Engrandeceu Manuel de Arriaga, como homem digno, intelligente e trabalhador, capaz, como poucos, de representar no parlamento a pureza da causa republicana.

Ramalho, até certo ponto com justos motivos, tinha um grande nome litterario, que não estava poluido, como hoje. As suas palavras, pois, faziam peso. A assembléa aceitou-as com sinceros applausos.

Falou depois Manuel de Arriaga. O seu discurso foi bello, como todos. Mas ainda hoje nos lembra d'uma passagem que feriu a fundo o sentimentalismo do auditorio, que, aliaz, sempre foi este sentimentalismo chócho e quasi sempre ridiculo que caracteriza o republicanismo indige-

na. Aquelle que dá leitores ao Gomes e ouvintes ao Barbas de Esau!

Na passagem a que me refiro Manuel de Arriaga comparava a republica a uma mulher loura, de olhos celestiaes, de alma e corpo virgem, derramando balsamos no coração dos homens. Foi uma ovação delirante, que o Gomes ainda seria capaz d'escutar se applicasse o ouvido aos entulhos da Avenida, onde jaz o cadaver do theatro da rua dos Condes, e de tanta intimativa que o Theophilo Braga tornou a tirar a mão do bolso, onde largou a navalhinha, e deu palmas outra vez para se não comprometter.

Isto foi a 8 d'outubro. No dia 9 houve outro comicio, a que tambem assistimos, no palacio da S. Miguel, a Arroyos, para apresentação do candidato José Elias Garcia. Esta candidatura, que é de contos largos e engraçados, ficará para outra occasião! Theophilo Braga, pela sua parte, desenvolvia uma activa e sympathica propaganda pelo bairro de Alfama, onde se propunha. A organização eleitoral d'esses tempos era outra. Pelo circulo 94, Alfama, propunha-se Theophilo Braga. Pelo circulo 95, Anjos, propunha-se José Elias Garcia. Pelo circulo 96, Baixa, propunha-se Manuel de Arriaga. As eleições realisaram-se no dia 12 d'outubro, obtendo Theophilo Braga 313 votos, Manuel de Arriaga 465 e José Elias Garcia, que se declarava independente, 691.

Agora vamos ao caso: quando e onde foi que Magalhães Lima appareceu com a sua palavra, com a sua penna, ou por outro qualquer meio, a apoiar esse movimento republicano? Quando? Como? Quando e como em 1878, como em 1879? Quando e como em 1879, como em 1878, como em 1877, como em 1876, como em 1875? Como se atreve esse charlatão a dizer em publico que ainda não havia republicanos em Portugal e já elle era republicano? Como se atreve esse impostor a afirmar a sua fidelidade aos principios republicanos? Como quer essa sucia d'anos, que lhe rendem preitos e homenagens, que aceitam por boas as suas palavras, que o louvam pelas suas affirmações, que o sancionam como o maior propagandista em Portugal, que se tome a sério um partido, que acreditem na sua justiça, que o considerem uma esperança, se n'esse partido existem inconsciencias, ignorancias, falta de sinceridade e de criterio como a que demonstram esses anos?

Magalhães Lima nunca fez outra coisa no partido republicano senão arrecadar, senão colher. A propaganda, os sacrificios, os trabalhos foram os outros que os tiveram e que os fizeram. Quando Magalhães Lima veio para o partido republicano, já elle era um partido organizado, já elle estava relativamente forte, já elle estava cheio de clubs e jornaes. E veio, porque a monarchia não o quiz. Esta é a verdade, a grande verdade historica, que os parvos que o festejam, por inconsciencia ou especulação, não serão capazes de desmentir ou abafar.

Nunca. Mentiroso e charlatão, já nós provámos que o é Magalhães Lima. Especulador, continuaremos a prova, que não terminou ainda.

E... *au revoir*, que não ha tempo hoje para mais.

NOTICIARIO

Eleições

Acham-se já ultimados os trabalhos da ultima eleição municipal d'este concelho, sahindo eleita a lista anti-firminista por uma maioria superior a seiscentos votos.

Os trabalhos correram em socego e ordem, á parte uns peque-

nos incidentes que se deram na assembleia da Gloria, obrigando a auctoridade a chamar a força armada que no entanto não chegou a intervir.

Scena pungente

Um empregado da fazenda fez hontem arresto ao artista funileiro Miguel Rodrigues, mais conhecido pelo nome de Miguel das Latas.

O desventurado lucta com uma adeantada affecção pulmonar, e para ir occorrendo aos indispensaveis gastos domesticos, tem de trabalhar com o sacrificio, facil de comprehender, sendo além d'isso pobrissimo. O fisco apenas encontrou, para arrestar, uns poucos de andrajos e algumas peças d'obra. E, todavia, quando se fecham os olhos a crédores que o são por vicio que não por necessidade, uza-se de rigor injustificado com um pobre, doente, que mal grangeia para comer.

O facto indigno quantos o presenciaram. O infeliz artista carpiase amargamente, e exprobrava a rudeza do fisco, ao mesmo tempo que quem assistia á scena pungente estranhava que se não considerasse a parte suave da lei estatuida para prevenir os casos em que os crédores da fazenda são pobres, como o desventurado Miguel Rodrigues.

A viajata real

Suas magestades deviam ter sahido hontem de Lisboa, ás duas horas da tarde, e chegado a Madrid hoje, cerca de meio dia.

Os monarchas e a sua comitiva serão alojados no palacio do Oriente.

O regresso é no dia 16.

Fratricidio

Em Santo Antonio de Palhaes, Barreiro, acaba de ser commettido um crime de fraticidio, nas mais hediondas circumstancias.

Um individuo do logar matou com uma facada um seu irmão, com quem, desde algum tempo, andava em desintelligencia. O assassino que fóra primeiro mudar de fato e de calçado para não ser facilmente reconhecido, esperou o irmão no caminho que da villa vae para aquella povoação, e traiçoeiramente vibrou-lhe o golpe que o prostrou. O assassino estava, na occasião em que foi ferido, acompanhado de mais dois irmãos e de um cunhado.

Em Santo Antonio foi tal a consternação produzida por este facto, que ninguém foi ao trabalho.

O assassino está preso na cadeia d'aquella villa. A justiça do Barreiro foi já levantar os competentes autos.

O assassinado deixa mulher e cinco filhos menores, e o assassino é casado e tem uma filha tambem menor.

O monopolio dos fosforos

Com o monopolio dos fosforos estão-se dando resultados analogos aos que se deram com o monopolio dos tabacos.

Grande numero de fumistas poz de parte os fosforos e uzam a isca, e tão longe vae já a propaganda que os estabelecimentos sentem a falta de consumo de fosforos.

Superstições de bordo

Entre os marinheiros inglezes existe a superstição de que ha de sempre succeder alguma desgraça quando forem a bordo de qualquer navio dois noivos em viagem de nupcias.

No dia 28 de setembro ultimo sahira de New-York, com 257 passageiros, o vapor inglez «Canadian». Entre os passageiros achavam-se um joven diplomata e sua esposa, que faziam a sua viagem de nupcias, dirigindo-se a Manchester.

Depois de dois dias de navegação feliz, uma palavra imprudente fez conhecer á tripulação que iam a bordo dois noivos. A noticia espalhou-se rapidamente e desde o commandante ao ultimo

grumete todos se pozeram a tremar, agourando uma tempestade terrivel que faria naufragar irremediavelmente o vapor.

Na manhã do dia 3 de outubro, espessas nuvens cobriram o horisonte. O commandante olhou com inquietação em volta d'elle e conferenciou apressadamente com o immediato.

Entretanto os marinheiros tiveram um secreto conciliabulo, resolvendo deitar ao mar os recém-casados, a fim de se livrarem do perigo que julgavam imminente.

Então o commandante, sobrepondo os sentimentos de humanidade á sua propria superstição, defendeu com o revolver na mão os jovens esposos, fazendo-os vigiar por alguns homens da sua confiança e pondo a ferros doze dos revoltosos mais salientes.

A tempestade não se desencadeou, chegando o vapor ao seu destino sem outro incidente.

Os amotinados foram entregues aos tribunaes. Quanto aos noivos, por bem felizes se deram quando se viram livres de todo o perigo.

Por causa das eleições

Marchou hontem de manhã para Vagos uma força de policia civil, d'alli requisitada para manter a ordem.

Em Vagos já se achava uma força de cavallaria 10, sob o commando do sr. alferes Alvaro José, que regressou hontem de tarde.

Tambem aqui desembarcou no sabbado á noite um destacamento de infanteria 9, que se destinava ao Porto. Chegado alli, marchou logo para esta cidade, d'onde sahio ante-hontem.

Episodio eleitoral

Refere um collega:

Na ultima eleição de deputados foi eleito pelo circulo plurinomial de Vizeu o sr. dr. José Victorino de Sousa e Albuquerque, cavalheiro que fizera parte da ultima maioria regeneradora como deputado por Santa Combadão e que é muito conhecido e estimado em Vizeu, onde tem a sua casa. Acontece, porém, que não tendo as listas feito menção da sua qualidade de medico, apparece a impugnar a eleição, reclamando para si o diploma, um conterraneo do sr. dr. José Victorino, official do exercito, que tem exactamente o mesmo nome.

O caso, que é realmente muito singular, parece ter causado grande indignação em Vizeu, porque toda a gente sabe que o deputado eleito é o sr. dr. José Victorino de Sousa e Albuquerque e não o sr. tenente José Victorino de Sousa e Albuquerque.

Abundancia de pesca

O mar ha tantos dias inacessivel aos trabalhos da pesca permittiu-os ante-hontem e com um feliz exito.

Na costa de S. Jacintho, a rede do sr. José Carvalho Branco colheu sardinha que rendeu perto d'um conto de réis. As outras redes não pescaram nada.

Hontem todas as rédes da mesma costa colheram mais ou menos, sendo variada a qualidade da pesca. Ao mercado veio muita sardinha, que teve rapido consumo e por bom preço; cavalla, bezugos, raias, etc.

Os praticos continuam vendo feilto; é por isso de esperar que continuemos a ter abundancia de pesca fresca.

Uma carta de D. Miguel

Na occasião em que o sr. dr. Pinto Coelho, actual chefe do partido miguelista em Portugal, regressava de Madrid a Lisboa, encontrou aqui uma carta de D. Miguel de Bragança, que a «Nação» publicou.

«Gibraltar, 23 de outubro.

Meu caro Carlos Zeferino Pinto Coelho.

Com muitas saudades passei mui perto do nosso bello Portugal! Quanto não desejei poder...

trar, por alguns dias que fosse, pelo Tejo! Mas a razão dizia-me que por ora não era occasião de o fazer.

Passei todo o dia com o binóculo na mão, olhando para essas encantadoras praias; enquanto as minhas ideias se occupavam do passado, do presente e também do futuro.

Vi em espirito esse paiz descedendo pouco a pouco da sua grandeza, abysmado-se cada vez mais na miseria por não ter comprehendido e seguido o seu destino providencial, tendo-se unicamente occupado de suas luctas internas.

Mas ainda hoje podia elevar-se, e até salvar-se da ruina completa, voltando-se para as suas antigas tradições, e trabalhando com vontade energica.

Taes eram os pensamentos que me passavam pela mente, ao percorrer a costa da minha patria querida.

Escrevo-lhe de bordo da «Fleur de Lys», de meu cunhado Bardi, que espero encontrar no fim da semana, em Genova. Partirei para lá amanhã, tocando provavelmente em Oran e Argel. Espero estar de volta a casa nos principios de novembro.

Não quiz passar tão perto, sem lhe mandar estas poucas linhas.

Rogo a Deus haja a Carlos Zeferino Pinto Coelho na sua Santa Guarda.

Seu muito afeiçãoado,

D. Miguel de Bragança.»

No mez de setembro ultimo naufragaram 44 navios de vella, sendo 7 americanos, 22 inglezes, 6 francezes, 4 italianos, 3 noruegueses, 2 suecos.

N'este numero estão comprehendidos 5 que se suppõe perdidos por falta de noticias.

Naufragaram seis vapores, sendo 2 americanos, 1 inglez, 1 francez, 1 japonéz e 1 norueguéz.

Os bancos do Largo Municipal

Continuam no mesmo estado vergonhoso que denunciámos ha tempo.

Ainda outra vez pedimos a quem compete se digne mandar restaurar os pobres bancos que estão alli attestando muito desmazello.

Barra de Aveiro

Entradas em 8: Hiato Joven Julia, mestre F. S. Nina, do Porto, com aduella;—hiato Lima 1.º, mestre J. Marques, idem, idem.

Em 9, até ás 3 horas da tarde, não entrou nem sahio embarcação alguma.

Calma. Mar bom.

Ha muitos annos, no lugar de Avenal ou Sobreiro, freguezia do Sebal, concelho de Condexa, existia um homem rico, solteiro, que tinha reconhecido um filho natural. Este, desejando possuir com brevidade a riqueza, envenenou o pae. Obstou-se ainda a tempo ao terrivel effeito do envenenamento.

FOLHETIM

EUGÈNE DE MIRECOURT

65

O ÚLTIMO BEIJO

Tradução de VIEIRA DA CUNHA

XVI

O cadafalso

Uma enorme massa de povo se agrupava em torno do funebre estrado.

Os rumores que se acabavam de ouvir eram produzidos pela apparição de cerca de vinte homens em mangas de camisa, algemados e com o rosto coberto por um véo. Todos elles eram dos conjurados que na vespera haviam sido agar-

O pae desherdou o filho, resolvendo definitivamente deixar a sua boa fortuna a uma pessoa que elle nunca visse nem conhecesse. Com isto ganhou um pobre que casualmente lá foi pedir esmola poucos dias antes do fallecimento d'aquelle homem rico, que já então se achava gravemente doente e o instituiu seu herdeiro.

À VOL D'OISEAU

UM COMICIO NO CEMITERIO

Como disse no outro numero, os defunctos metteram-se tumultuosamente nas sepulturas, e guardaram o que havia ainda a dizer, para a noite seguinte. Guerrear progressistas e regeneradores, eis o que resolveram. Todavia, um caso imprevisito impediu-os de dar execução aos seus projectos. O dia das eleições era domingo e o Bazilio vivo passaria desde o romper do dia até ao cair da noite pelo meio d'elles. Como sahirem das sepulturas e do cemiterio sem serem vistos? Ainda se elle fosse votar! Mas se elle fosse votar deixaria no seu logar o escaveirado coveiro, o filho do Ignacio Rato!...

Era cousa impossivel sahir; mas se o podessem fazer, arriscar-se-iam a apanhar uma constipação nos ossos, em virtude da chuva que cahia. Em summa, as eleições fizeram-se, os progressistas ficaram a vender beija, e elles, para não perderem tudo, resolveram fazer outro comicio.

Devo aqui dizer, que muitos dos defunctos das capellas aproveitaram as visitas que as familias lhes fizeram, no domingo, para lhes pedirem as chaves das mesmas capellas, a fim de virem assistir ao comicio. D'este modo poucos ficaram a espreitar ás grades.

Determinado o comicio para a noite seguinte, todos se prepararam.

A mesma meza, a mesma cadeira e o mesmo tinteiro se achavam no logar escolhido.

O auditorio era n'esta noite muito mais numeroso.

Constituida a meza com as formalidades legaes d'além-mundo, o presidente tomou a palavra.

Irmãos!

Ainda ha bem pouco aqui nos achavamos reunidos para protestarmos contra o desprezo das nossas coisas! A nossa resolução foi irrealisavel, como sabeis, e muito contra nosso grado subiu ao poder um dos partidos que nem sequer merecem o odio que lhes votamos. Já não é para os guerrearmos que aqui nos reunimos, não. Outras coisas revolvo na mente.

Nós somos o povo completamente differente do povo que nos humilha. (Apoiados.) O nosso nome não está nas paginas dos vivos. Somos eguaes, somos irmãos, somos livres, e apesar de livres somos humilhados! (Muitas palmas osseas echoaram no recinto da assembleia esqueletica.) Isto é um absurdo incomprehensivel, mas real.

rados nas Catacumbas. Conduziam-nos entre duas fileiras de soldados para junto do instrumento de supplicio.

No momento em que Conrado olhava para a praça, um d'estes homens havia já subido os degraus do estrado e ajoelhava-se deante do cepo.

O carrasco inclinava-se para lhe tirar o véo.

—Misericordia!... Que vejo eu?... Para quem são estes preparativos sinistros? gritou o mancebo.

—Para os teus cúmplices, disse o tribuno.

—Para os meus cúmplices!... quem são elles?

—Os fidalgos que hontem foram presos contigo.

—Não! não!... isto não pôde ser; tu dar-lhes-ias juizes.

—O senado de Roma, reunido durante a noite, pronunciou a sua sentença.

—Deus do céu!

Tudo aspira á liberdade e tudo que a alcança sacode o jugo. Nós somos livres e havemos de o tolerar? (Ouviram-se muitas palmas ao orador e morras aos despotas.) Os nossos oppressores são as camaras; anatomisam-nos com impostos e vexamos deixando que ponham em tudo, que nos rodeia, o sinete do seu desmazello! (Apoiados.)

Meus irmãos defunctos, esperemos ainda algum tempo; poderá ser que os nossos brados sirvam d'alguma coisa; mas se forem inúteis, proclamaremos bem alto a nossa liberdade! Disse.

No meio d'uma grande salva de palmas que victoriavam o orador, ouviu-se uma voz que pedia a palavra. Era um defuncto dos que tinham ficado nas capellas por não ter obtido a chave da porta, que queria também falar, e que pediu a palavra.

Todos, como que impellidos por uma mesma mola, se dirigiram para a capella onde elle estava.

Seudo-lhe dada a palavra pelo presidente, fez em breves termos a apologia da liberdade e mostrou quanto era vergonhoso para uma cidade como Aveiro, para um seculo das luzes, existir um governo que consinta as maiores atrocidades contra a architectura, contra a litteratura e contra o senso commum. A arte, disse elle, a grammatica e o senso commum não são coisas que devam ser immoladas n'um bairro de defunctos, pelos pintores, canteiros e litteratos indigenas, com a sanção das camaras. Se ellas tivessem um homem competente que vigiasse as obras do nosso bairro, essas obras não seriam tão brutalmente bestializadas.

Foi muito applaudido.

Seguiram-se ainda varios discursos, pois no cemiterio não só abundam muitos oradores defunctos, mas também muitos defunctos oradores. Houve alguns que propozeram que todas as pinturas de epitaphios fossem feitas por alguns d'elles, pois que os havia capazes de as fazer.

Ao menos, dizia um, desaparecerão esses dês que, em relação ás outras letras, parecem estar em oitava abaixo, assim como as notas d'uma solfa.

Ao menos, dizia outro que tinha sido canteiro, não cinzelarei na pedra meninos como os que o Pereira & C.ª cinzela. Esse que elle ahí tem, só lhe falta um bacio de baixo do rabo para o figurar fazendo o que no mesmo se faz. A posição é tal e qual.

Ao menos, dizia outro que tinha fumaças de litterato, não escreveria versos como estes:

A nossa filha foi como o vento norte que a trouxe;

Foi parar d'onde veio
Voou, morreu e estiolou-se.

Aqui jaz na terra fria
A filha da mãe
que tanto lhe queria.

O auctor dos primeiros podia ter ido, com a filha também, áquella parte; e o auctor dos segundos podia fazer com pouco custo a filha, filha de qualquer outra coisa.

—Eis a sorte que te espera se teimares na tua mudez e se não quizeres aproveitar-te da minha clemencia.

—Rienzi!... perdão!... oh! é para me amedrontares, não é verdade?... tão depressa! não, não deves querer isso... Seria horrivel!

Estava livido; os joelhos cambaleavam-lhe.

Mas, erguendo-se repentinamente como se experimentasse um choque electrico, fez ouvir um grito de espanto e de horror. O carrasco acabava de arrancar o véo; Conrado reconheceu Montréal no homem que se inclinava em frente do cepo.

—Perdão!... Alto!... perdão! gritou elle com uma voz que fez arripiar os cabellos do tribuno.

Branca correu também para a varanda.

—O que é? murmurou ella toda trémula.

—Piedade! piedade!... é meu pae!!!

Mas, no meio de todos estes discursos e propostas, os defunctos progressistas conservavam-se de beija cahida, os regeneradores contentes a ouvirem os foguetes e musica dos seus antigos collegas no mudo, e os promotores do comicio e seus sectarios esperavam occasião de se governarem com a gente do bairro que mostrava ser apta para o serviço.

E assim na maior tranquillidade recolheram a cadeira, meza e tinteiro, apagaram os fogos fatuos que davam ao cemiterio o aspecto d'um campo coberto de fogueiras em noite de S. João, e estenderam-se nas sepulturas dando descanso aos ossos e creando força para o que dêsse e viesse.

Quando o Bazilio entrou, tudo estava silencioso. Nem sequer o menino do Pereira se atreveu a queixar-se-lhe do mal que tinha dito d'elle e do auctor dos seus dias que o entregou a Jesus, segundo a inscripção que tem no livro e que é esta—JESUS É MEU E EU SOU DE JESUS.

Tagarella.

COMMUNICADOS

PASMEM!

O sr. Mannel Ançã diz no seu communicado:

“Li e reli o *Campeão das Provincias*, e, por mais que buscasse e rabuscasse, não encontrei alli o nome de Manuel Ançã, firmando escripto algum contra o sr. Telles: encontrei, sim, o sr. C., que é este seu creado...”

Pasmem, leitores! do covarde refugio que o sr. Manuel Ançã escolheu para recuperar o bom conceito do publico. Mas nada vale, porque o sr. Ançã já desceu muito, e o que acabo de transcrever fello descer muito mais. O sr. Ançã resolver á ultima hora chamar-se sr. C. Será côlea ou o mannel das calamidades? Por isso o sr. Ançã nunca respondeu como devia ás minhas perguntas!...

Todos os côdeas assim fazem e todos os côdeas escrevem assim:

“Todos os habitantes d'Ilhavo, e os mais importantes da cidade d'Aveiro, conhecem e louvam as qualidades de Manuel Ançã...”

E' no meio da mais entusiastica gargalhada que lhe digo: Só idiotas é que se gabam.

Que importa que o sr. Ançã diga agora que não é o auctor de tal escripto nojentto, se o confessou a tantissimas pessoas d'Ilhavo?!

Póde, sr. Ançã, comprar quantos desgraçados quizer, para se dizerem auctores dos seus escriptos, porque, em Ilhavo pelo menos, todos sabem que foi o sr. Manuel Ançã, que se metteu onde não era chamado,—que calumniou acintosamente,—que tem mettido, finalmente, os pés pelas mãos e dado cabriolas sem conta.

Chato, quadrada, abobora e côdea são nomes que synthetisam com muita propriedade o caracter do sr. Ançã. O sr. Ançã a fazer taes partidas n'uma companhia de

—Teu pae!... justiça de Deus!... Párem! párem! mando eu! gritou o tribuno agitando os braços á janella. Porém já a machada do carrasco havia relampagueado no ar.

Ouviu-se uma pancada secca e a cabeça de Montréal rolou separada do tronco.

XVII

Penitente e confessor

Oito dias depois d'estes acontecimentos, Conrado, victima do mais violento delirio, achava-se deitado em um dos quartos dependentes do compartimento que habitava o tribuno.

Depois da catastrophe tão terrivel como imprevisita que fizera de Rienzi o assassino de Montréal, o mancebo havia cahido fulminado sobre as lageas da varanda, e não tornara a recuperar os sentidos senão a intervallos fugitivos a que de novo se succediam os accessos d'uma febre devoradora.

palhaços, ganhava bastante, porque é, n'esse genero, de primeira ordem.

Já comeu muita bolota? Coma mais para vêr se vomita a metade da carta que o sr. enguliu. Devia ter, sem duvida, fome aterradora para comer papel! Repito-lhe que não largue de vista o communicado do *Artista*.

O seu communicado tem ainda materia que se presta a um largo estudo do seu bom caracter.

E por isso até breve, sr. Manuel Ançã.

Aveiro, 8—11—92.

Viriato Simões Telles.

PARA AS LONGAS NOITES DO INVERNO

Nova remessa de cartas de jogar o voltarete, whist, etc.

Cartas infantis.

Cartas para o jogo do Bluff.

Cartas hespanholas.

Vende Arthur Paes, largo do Espirito Santo, ao chafariz.

ALVICARAS

Dão-se a quem entregar na administração d'este jornal um sobretudo claro, que se perdeu na noite do dia 30 (domingo).

Venda de casas

Vendem-se todas as casas pertencentes a Domingos João dos Reis, assim como se dão a remissões a todos os individuos que estiverem 20 annos occupando as ditas casas, sem augmento de aluguer e podendo remir em qualquer tempo os referidos alugueres, pagando o proprietario Reis ou seu procurador o tempo que faltar para completar os ditos 20 annos e recebendo o juro de 6 por cento d'essa quantia.

Todos os esclarecimentos podem ser dados pelo seu procurador Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrso.

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendâmos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

O POVO DE AVEIRO

Este jornal acha-se á venda em Lisboa nos seguintes locais:

Tabacaria Monaco, praça de D. Pedro, 21.

Kiosque do Roclo (lado sul).

Estabelecimento do cambista Rodrigues, rua de S. Bento, 262 a 262-A.



ANNUNCIOS. Na administração do POVO DE AVEIRO contratam-se annuncios, aos mezes e ao anno, por preços muito baratos.

R. do Espirito Santo
Aveiro.

Espavoridos com este cruel acontecimento que lhes dava emfim de uma maneira tão fatal a chave do mysterio que Conrado lhes occultava, o tribuno e sua filha passaram os dias e as noites á cabeceira do doente, afim de lhe espiaarem no olhar um clarão de intelligencia que lhes permitisse, não o consolal-o, porque para semelhante desgraça não havia consolação possivel, mas o dizerem-lhe que encontraria n'elles uma familia—um pae amoroso, uma irmã dedicada.

Mas ail acalentavam loucas esperanças.

Aquella mancha de sangue nunca mais se poderia desvanecer.

Se não era o resultado d'uma crueldade fria e reflectida, era pelo menos uma atroz e irreparavel desgraça, cuja recordação devia extinguir todas as alegrias, gelar todas as expansões, envenenar todas as delicias.

(CONTINUA.)

A ESPOSA

Edição illustrada com chromos e gravuras

Está em publicação esta obra do auctor dos romances «A Mulher Fatal», «A Martyr», «A Filha Maldita», «O Marido» e «A Avó», que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes.

BRINDE AOS ASSIGNANTES

No fim da obra será distribuido aos srs. assignantes, como brinde, uma estampa em chromo, de grande formato, representando a VISTA GERAL DO PALACIO DA PENA, DE CINTRA.

Editores **Belem & C.**, rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa.

LADISLAU BATALHA

MISERIAS DE LISBOA

GRANDE ROMANCE DA ACTUALIDADE

Edição illustrada com muitas e magnificas gravuras por **Francisco Pastor**

Está publicado o 1.º volume. Remette-se pelo correio. Preço 00 4 réis. Toda a obra conterá apenas 5 volumes. Em Lisboa, as assignaturas poderão ser requisitadas aos empregados da empreza, e da provincia todas as requisições deverão vir acompanhadas da importancia de alguns fasciculos ou volumes á administração. Empreza editora do RECREIO. — Deposito, Rua do Diario de Noticias, 93. — Administração e typographia, Rua da Barroca, 109—Lisboa.

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os programas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, cartonado, 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

FRANCISCO CHRISTO

Os acontecimentos de 31 de janeiro e a minha prisão

Preço 600 réis

A' venda na administração d'este jornal. Remette-se, franco de porte, a quem enviar aquella importancia a esta administração.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes, na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

Africa Illustrada

ARCHIVO DE CONHECIMENTOS UTEIS

Viagens, explorações, usos e costumes, commercio, industria, meteorologia, distincção de climas, produções, colonisação, movimento progressivo, indicações hygienicas e noticias da actualidade

POR

HENRIQUE DE CARVALHO

CONDIÇÕES:

A Africa Illustrada é uma publicação que se divide em serie ou volumes, abrangendo cada serie 52 numeros, tendo cada numero 8 paginas que se distribuirá nos domingos aos seus assignantes.

São considerados assignantes todos os individuos que pagarem 20 réis por cada numero no acto da entrega e aos que completarem a collecção da serie ficam com direito a receber uma capa

especial para encadernação, folhas de rosto, indices e os brindes de mapps que se fizerem. O porte de correio é por conta dos srs. assignantes ou compradores.

Sendo da vontade do assignante—póde o pagamento ser feito aos mezes ou aos trimestres e por isso pedimos o favor da declaração.

Rua da Junqueira, 1. Lisboa

O REMECHIDO

Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes paladinos do partido miguealista.

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

Illustrada com o retrato do biographado

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis, e só se vende, em Aveiro, no estabelecimento de Arthur Paes.

COLLECCÃO

Camillo Castello Branco

Volumes a 200 réis, em brochura; a 300 réis, encadernados em percalina.

Companhia Editora de Publicações Illustradas, travessa da Queimada, 35—Lisboa.

ALMANACH DOS THEATROS

PARA O ANNO DE 1893

(4.º DA PUBLICAÇÃO)

Ornado com os retratos e perfis biographicos das actrizes Virginia e Mercedes Blasco e dos actores Guilherme de Aguiar (do Brazil) e Joaquim Silva

Contendo, além d'outras, a esplendida poesia-dramatica de Victor Hugo, traducção de Fernando Leal

A CONSCIENCIA

E monologos, cançonetes, poesias-comicas e varias produções humoristicas, satyricas, etc., etc., etc.

Dirigido por F. A. DE MATTOS

Preço 100 réis. Pelo correio 110 réis. Remette-se a quem enviar a sua importancia á administração da empreza do *Recreio*, rua da Barroca, 109, ou a qualquer das livrarias do costume.—Lisboa.

Cosinheiro Familiar

Tratado completo de copa e cosinha

POR A. TAVEIRA PINTO

Valiosa collecção de receitas para fazer almoços, lunches, jantares, merendas, ceias, molhos, pudins, bolos, doces, fructas de calda, etc., com um desenvolvido formulario para licôres, vinhos finos e artificiaes, refrescoes e vinagre. Ensina a conhecer a pureza de muitos generos, a concertar louças, a evitar o holor e maus cheiros, a limpar os objectos de zinco e de esmalte, a afugentar as formigas e contém muitos segredos de importancia para as donas de casa, creadas e cosinheiros.

Neste genero, é o livro melhor e mais barato que se tem publicado. Preço 200 réis.

Está á venda nos kiosques e livrarias do reino, ilhas e Africa.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia em cedulas, devem ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

O Recreio

Revista semanal, litteraria e charadistica

Cada numero 20 réis, com 16 paginas a duas columnas, em optimo papel.

Para a provincia, a assignatura é feita ás séries de 26 numeros, e custa 580 réis.

Toda a correspondência deve ser dirigida a João Romano Torres, rua da Barroca, 109—Lisboa.

Administrador e responsavel JOSÉ PEREIRA CAMPOS JUNIOR

O Judeu Errante

POR EUGENIO SUE

Edição illustrada, nitida e economica

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

1.º—O JUDEU ERRANTE publicar-se-ha a fasciculos semanaes, que serão levados a casa dos senhores assignantes nas terras em que houver distribuição organísada.

2.º—Cada fasciculo de 5 folhas de 8 paginas, ou 4 folhas e uma gravura, custa o diminuto preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

3.º—Para as provincias, ilhas e possessões ultramarinas, as remessas são francas de porte.

4.º—As pessoas que desejarem assignar nas terras em que não haja agentes, deverão remetter sempre á Empreza a importancia adiantada de 5 ou 10 fasciculos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á Empreza Litteraria Fluminense, casa editora de A. A. da Silva Lobo, rua dos Retrozeiros, 125—Lisboa.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo e approved pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela inspectoría geral de hygiene da corte do Rio de Janeiro.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as crianças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toaste», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito g-ral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a Debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da pharmacia Franco.—Premiada com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICA legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a Tosse

Xarope Peitoral James.—Premiado com as medalhas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

UNICO legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoría Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approved nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

FABRICA DE MOAGEM A VAPOR

DE MANUEL HOMEM DE CARVALHO CHRISTO

AVEIRO

Neste estabelecimento, installado na rua dos Tavares, moe-se milho e trigo

Vende-se farinha de milho e trigo, a toda a hora de dia.—Compra-se milho e trigo